

# Espaços e Paisagens

*Antiguidade Clássica e Heranças  
Contemporâneas*

Vol. I Línguas e Literaturas. Grécia e Roma

Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira,  
Paula Barata Dias (coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

# A POETIZAÇÃO DO ESPAÇO NAS BUCÓLICAS DE VIRGÍLIO. SIMBOLOGIA DA VIDA HUMANA ENTRE A EUFORIA E A DISFORIA

ANTÓNIO MONIZ  
*Universidade Nova de Lisboa*

## Abstract

Space is an ambiguous zone between chaos and cosmos, a natural producer of myths. The poetry of space in *Eclogae* by Virgil is an escape from the routine and the limits of reality, projection of dreams or a simple *ludus*, to seduce the reader surrounding him with a horizon of expectations oscillating between *locus amoenus* and *locus horrendous*.

The painting of this plural space represents the symbiology of human life between euphoria and disphoria: mythic space (*Ecl. III, VI, VII, IX*), utopian and messianic space (*Ecl. IV*), harmonic and “epithalamic” space (*Ecl. III, VIII*), lyric and love space (*Ecl. II*), elegiac space (*Ecl. V, X*), satirical and unhappy space (*Ecl. I, III, IX, X*).

**Keywords:** *Bucolics*, poetic space, Virgil.

**Palavra-chave:** *Bucólicas*, espaço poético, Virgílio.

## 1. Introdução

A poetização do espaço, objecto do texto literário, inscreve-se na capacidade humana de metamorfose criativa do real em imaginário.

Factor condicionante da condição humana e de qualquer intriga romanesca, o espaço, tal como o tempo, não constitui mero cenário da acção representada, mas envolve profundamente a vivência dramática das personagens, dando origem a múltiplas visões e concepções filosófico-culturais.

Fuga à monotonia e limitações do real, projecção onírica ou simples fruição lúdica, a poetização do espaço encontra nas *Bucólicas* de Virgílio uma expressão mítica capaz de envolver e recriar o leitor num horizonte de expectativas que oscila entre a satisfação edénica do *locus amoenus* e a desilusão frustrante do

*locus horrendus*. Zona ambígua entre o caos e o cosmo<sup>1</sup>, o espaço é, por natureza, um criador de mitos<sup>2</sup>.

De que modo se representa o espaço na primeira obra do grande poeta latino do tempo de Augusto? De modo plural e polissémico ou uniforme e linear? De âmbito alegórico e poético ou meramente topográfico e circunstancial?

Vamos procurar a resposta a estas questões, revisitando o rico texto poético em presença.

## 2. O espaço mítico

A convivência dos pastores-poetas virgilianos com a divindade, mais do que mero procedimento convencional, envolve de ambiência mítica o texto poético, convocando para a esfera humana a sua égide protectora.

Na *III Écloga*, Dametas, no seu canto amebou, prefer evocar a onnipresença de Júpiter, protector das terras<sup>3</sup>, enquanto Menalcas elege Febo, com seus simbólicos loureiros e o rubro jacinto<sup>4</sup>. Um manifesta a sua ligação à vertente material da existência; o outro opta pela componente espiritual. Mas ambos reconhecem a importância da divindade em suas vidas.

Na *VI Écloga*, antes da narração da criação do mundo, o espaço mítico é representado pelo episódio de Sileno, embriagado, preso por jovens sátiros e libertado pela náiaide Egle, que lhe pinta a fronte e as têmporas. Então, ele canta o divertimento dos faunos, o balouçar do carvalho em sua copa, o contentamento do Parnaso, escutando Febo, e do Ródope e do Ísmaro, ouvindo Orfeu. É a interacção profunda entre poética e espaço, espírito e matéria. Na narrativa genesiaca, na linha de Hesíodo e de Lucrécio, de novo a linguagem mítica invade o texto, na evocação do Caos; no aprisionamento de Nereu no Oceano; no repovoamento pós-diluviano da Terra, por Deucalião e Pirra; na revisitação do reinado de Saturno; do mito de Prometeu; da lenda do argonauta Hilas; da paixão de Pasífaa pelo Minotauro; dos falsos mungidos das Prétides; da admiração da jovem Atalanta, ao ver-se vencida na corrida para apanhar as maçãs de ouro das Hespérides, que Hipómenes, seu esposo, deixou cair, das Heliades, irmãs de Fáeton, metamorfoseadas em álamos e choupos.

Na *VII Écloga*, no desafio poético com Tírsis, Córidon apresenta a Diana a oferta de uma cabeça de javali<sup>5</sup> e das hastes de um veado<sup>6</sup>, enquanto lhe promete

<sup>1</sup> “Perçu par le moyen de la lumière, première saisie dans notre découverte érotisée du monde, zone ambiguë entre le cosmos et le chaos, il s’associe au feu, au mouvement, au rythme, au chant, à l’amour” (Paul Zumthor: *La Mesure du Monde*. Paris, 1993, p. 17).

<sup>2</sup> Cf. Gilbert Durand, *Les Structures Anthropologiques de l’Imaginaire. Introduction à l’Archétypologie Générale*, 10<sup>e</sup> édition, Paris. Dunod, 1984, p. 385.

<sup>3</sup> “Ab Ioue principium, Musae: / Iouis omnia plena; / ille colit terras, illi mea carminae curae” (*Ecl.*.3. 60-61).

<sup>4</sup> “Et me Phoebus amat; Phoebos sua semper apud me / munera sunt, lauri et suaue rubens hyacinthus” (*Ib.*, 62-63).

<sup>5</sup> “Saetosi caput hoc apri tibi, Delia, paruos” (*Ecl.* 7. 29).

<sup>6</sup> “et ramosa Micon uiuacis cornua cerui” (*Ib.*, 30).

uma estátua de mármore<sup>7</sup>. A esta homenagem à deusa da caça, o companheiro contrapõe a oferta anual de um jarro de leite e bolos a Priapo, guardião dos jardins e dos pomares e deus da fecundidade<sup>8</sup>, propondo-lhe transformar em ouro a estátua de mármore a ele erguida, se o gado se reproduzir<sup>9</sup>. Num cenário estival, Tírsis evoca a aridez do campo e a falta de sombra das parras da videira nos outeiros, atribuída a Baco<sup>10</sup>, mas, em contraste com a chegada de Fílis, todo o bosque reverdecerá e o majestoso Júpiter descerá com a abundante chuva<sup>11</sup>. Córídon atribui ao choupo a preferência de Hércules<sup>12</sup>; à videira, a de Baco<sup>13</sup>; à murteira a da formosa Vénus<sup>14</sup>; ao loureiro, a de Febo<sup>15</sup>; às aveleiras, a de Fílis<sup>16</sup>. Enquanto esta as amar, nem as murteiras, nem os loureiros as vencerão<sup>17</sup>, numa proclamação subjectiva da sua superioridade sobre Vénus e Febo.

E, se a *IX Écloga* apenas recorda os versos em honra de Galateia, junto da qual brilha a rutilante Primavera, com flores variadas junto aos cursos de água<sup>18</sup>, com o cândido choupo, cobrindo sua gruta<sup>19</sup>, e com as vinhas, tecendo a sombra<sup>20</sup>, na *X Écloga*, o espaço mítico percorre todo o texto: desde a invocação à ninfa Aretusa, na qual se formula o desejo de a amarga ninfa Dóris não se misturar com as suas ondas, isto é, que a amargura não contamine o canto em honra de Galo<sup>21</sup>; desde a invocação às Náiades, na qual se alude às sombras do amor de Galo<sup>22</sup>; até à chegada de Apolo, questionando a insana paixão

<sup>7</sup> “Si proprium hoc fuerit, leui marmore tota” (ib., 31).

<sup>8</sup> “Sinum lactis et haec te liba, Priape, quotannis / exspectare sat est : custos es pauperis horti » (ib., 33-34).

<sup>9</sup> “Nunc te marmoreum pro tempore fecimus ; at tu, / si fectura gregem suppleuerit, aureus esto” (ib. 35-36).

<sup>10</sup> “Aret ager; uitio moriens sitit aeris herba; / Liber pampineas ionuidit collibus umbras” (ib., 57-58).

<sup>11</sup> “Phyllidis aduentu nostrae nemus omne uirebit, / Iuppiter et laeto descendet plurimus imbri” (ib., 59-60).

<sup>12</sup> “Populus Alcidae gratíssima” (ib., 61).

<sup>13</sup> “uitis Iaccho” (ib.).

<sup>14</sup> “formosae myrtus Veneri” (ib. 62).

<sup>15</sup> “sua laurea Phoebo” (ib.).

<sup>16</sup> “Phyllis amat corylos” (ib., 63).

<sup>17</sup> “illas dum Phyllis amabit, / nec myrtus uincet corylos, nec laurea Phoebi” (ib., 63-64).

<sup>18</sup> “Huc ades, o Galatea: quis est nam ludus in undis? / Hic uer purpureum, varios hic flumina circum / fundit humus flores” (*Écl.* 9. 39-41).

<sup>19</sup> “hic candida populus antro / imminet” (ib., 41-42).

<sup>20</sup> “et lentae texunt umbracula uites” (ib., 42).

<sup>21</sup> “Extremum hunc, Arethusa, mihi concede laborem: / [...] Doris amara suam non intermisceat undam” (*Écl.* 10. 1. 5).

<sup>22</sup> “Quae nemora aut qui uos saltus habuere, puellae / Naiades, indigno cum Gallus amore peribat?” (ib. 9--10).

de Galo<sup>23</sup>; à vinda de Silvano, ornado de flores<sup>24</sup>, e de Pã, deus da Arcádia, desmontando a crueldade do Amor<sup>25</sup>; até à invocação final às Piérides<sup>26</sup>.

### 3. O espaço utópico

Em íntima associação com o espaço mítico, o espaço utópico e messiânico domina a *IV Écloga*, independentemente das interpretações concretas sobre a figura do *puer*. Esboço épico da futura *Eneida*, tal espaço constitui um *tópos* essencial do pensamento virgiliano, pleno de optimismo e esperança num mundo novo, espécie de farol no meio da noite romana de então.

Após a invocação das musas da Sicília, o poeta ergue a voz do seu canto para um objecto mais elevado: *paulo maiora canamus*<sup>27</sup>. Os símbolos poéticos da lírica bucólica<sup>28</sup> cedem lugar à promoção épica das *silvae*<sup>29</sup>. O nascimento do *puer* messiânico é profeticamente assinalado pelos símbolos poéticos da nova *aurea aetas*<sup>30</sup>: as heras exuberantes por todo o lado, nascidas por geração espontânea, a par do nardo rústico, antídoto contra feitiços, e a colocásia, fundida com o acanto<sup>31</sup>; a fertilidade do gado caprino<sup>32</sup>, estimulada pela segurança, resultante da ausência da predação animal<sup>33</sup>; a sedutora e abundante florescência, associada ao berço do *puer*, simbólica da felicidade<sup>34</sup>; a morte da perigosa serpente e da erva venenosa e falaz<sup>35</sup>; a vulgarização do perfumado amomo sírio<sup>36</sup>.

Nesta sequência simbólica, o reconhecimento épico dos heróis<sup>37</sup> será assinalado pelos campos dourados de trigo<sup>38</sup>, pela presença das uvas em silvados incultos<sup>39</sup> e pelo destilar do orvalho do mel no casco duro do carvalho<sup>40</sup>,

<sup>23</sup> “Venit Apollo: / ‘Galle, quid insanis? Inquit” (ib., 21-22).

<sup>24</sup> “Venit et agresti capitis Siluanus honore, / florentis ferulas et grandia lilia quassans” (ib., 24-25).

<sup>25</sup> “Pan deus Arcadiae uenit, [...] / ‘Ecquis erit modus?’ inquit “Amor non talia curat, / nec lacrimis crudelis Amor” (ib., 26. 28-29).

<sup>26</sup> “Hac sat erit, diuae: [...] / Pierides” (ib., 70. 72).

<sup>27</sup> *Ecl.* 4, 1.

<sup>28</sup> “arbusta”, “humilesque myricae” (ib., 2).

<sup>29</sup> “si canimus siluas, siluae sint consule dignae” (ib., 3).

<sup>30</sup> “Ultima Cumaei uenit iam carminis aetas; / magnus ab integro saeculorum nascitur ordo. / Iam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna; / iam noua progenies caelo demittitur alto. / Tu modo nascenti puero, quo ferrea primum / desinet ac toto surget gens aurea mundo, / casta, faue, lucina: tuus iam regnat Apollo” (ib., 4-10).

<sup>31</sup> “At tibi prima, puer, nullo munuscula cultu / errantis hederas passim cum baccare tellus / mixtaque ridenti colocasia fundet acantho” (ib., 18-20).

<sup>32</sup> “Ipsae lacte domum referent distenta capellae / ubera” (ib., 21-22).

<sup>33</sup> “nec magnos metuent armenta leones” (ib., 22).

<sup>34</sup> “ipsa tibi blandos fundent cunabula flores” (ib., 23).

<sup>35</sup> “Occidet et serpens, et fallax herba ueneni / occidet” (ib., 24-25).

<sup>36</sup> “Assyrium uolgo nascetur amomum” (ib., 25).

<sup>37</sup> “At simul heroum laudes et facta parentis / iam legere et quae sit poteris cognoscere uirtus» (ib., 26-27).

<sup>38</sup> “molli paulatim fauescet campus arista” (ib., 28).

<sup>39</sup> “incultisque rubens pendebit sentibus uua” (ib., 29).

<sup>40</sup> “et durae quercus sudabunt roscida mella” (ib., 30).

alimentos indiciários da civilização mediterrânica. Heróis épicos, como Tífis, na nau Argos, e Aquiles, na guerra de Tróia, são, deste modo, ressuscitados<sup>41</sup>.

No entanto, estes sinais da idade de ouro não dominarão em absoluto, dado que subsistirão alguns vestígios da idade do ferro<sup>42</sup>: as tempestades marítimas e os naufrágios<sup>43</sup>, as guerras<sup>44</sup>, o trabalho agrícola<sup>45</sup>.

Por isso, como sinal profético da nova era, o *puer*, quando se tornar adulto, renunciará às viagens marítimas e à mercancia, já que a terra produzirá espontaneamente todos os bens: *omnis feret omnia tellus*<sup>46</sup>. Não haverá necessidade nem do trabalho agrícola<sup>47</sup>, nem do silvícola<sup>48</sup>, nem do industrial<sup>49</sup>. O próprio poeta intervém directamente no seu texto, para chamar a atenção do *puer* para os sinais de mudança que indiciam uma nova sociedade:

*Aspice conuexo nutantem pondere mundum,  
terrasque tractusque maris caelumque profundum;  
aspice uenturo laetantur ut omnia saeclo*<sup>50</sup>.

#### 4. O espaço epitalâmico

Na *VIII Écloga*, o canto de Dámon, apoiado num cajado roliço de oliveira, ao amanhecer, à hora do orvalho, que torna a erva tenra, delícias do gado, celebra o casamento de Nisa e Mopso.

A partir do refrão *Incipe Maenalius mecum, mea tibia, uersus*<sup>51</sup>, o poeta dirige-se à sua flauta para que o acompanhe na transcrição dos versos cantados no

---

<sup>41</sup> Alter erit tum Typhis, et altera quae uehat Argo / delectos heroas; erunt etiam altera bella, / atque iterum ad Troiam magnus mittetur Achilles» (ib., 34-35).

<sup>42</sup> “Pauca tamen suberunt priscae uestigia fraudis” (ib., 31).

<sup>43</sup> “quae temptare Thetim ratibus” (ib., 32).

<sup>44</sup> “quae cingere muris / oppida” (ib., 32-33).

<sup>45</sup> “quae iubeant telluri infidere sulcos” (ib., 33).

<sup>46</sup> “(ib., 39).

<sup>47</sup> “Non rastros patietur humus” (ib., 40).

<sup>48</sup> “non uinea falcus; / robustus quoque iam tauris iuga soluet arator” (ib., 40-41).

<sup>49</sup> “nec uarios discet mentiri lana colores” (ib., 42).

<sup>50</sup> “Olha o mundo a mover-se sob a abóbada do firmamento, / olha a terra e o refluir do mar e do alto céu; / olha como tudo rejubila com o século que chega” (ib., 50-52).

<sup>51</sup> *Ecl.* 8. 21, 25. 28<sup>a</sup>. 31. 36. 42. 46. 51. 57

monte Ménalo, da Arcádia, que sempre se faz eco do canto amoroso dos pastores<sup>52</sup>, com o seu bosque harmonioso e os seus pinheiros eloquentes<sup>53</sup>.

Numa linguagem profética, que nos lembra o bíblico Isaías, os grifos unir-se-ão às éguas<sup>54</sup> e os tímidos gamos irão beber com os cães a uma fonte comum<sup>55</sup>, numa simbologia da paz e da convivência harmoniosa deste casal.

Dirigindo-se a Mopso, Dámon fala-lhe em termos do rito nupcial, a partir das tochas<sup>56</sup> e do espalhar das nozes<sup>57</sup>, no cortejo nocturno, no monte Eta<sup>58</sup>.

No entanto, apesar deste ritual, aparentemente indiciador da harmonia humana, o Amor é representado com a sua faceta cruel. Dirigindo-se a Nisa, depois de referenciar o distinto par que forma com o esposo<sup>59</sup>, acusa-a de ser displicente<sup>60</sup> e odiar tudo o que é dele<sup>61</sup>, sendo insensível à acção divina<sup>62</sup>, confessando que, ao entrar na adolescência<sup>63</sup>, se apaixonou por ela<sup>64</sup>, quando a viu colhendo maçãs com a mãe<sup>65</sup>, experiência que lhe valeu o conhecimento do Amor<sup>66</sup>. Desse casamento não poderá sair um filho que seja herdeiro da identidade colectiva<sup>67</sup>.

Depois de invectivar o cruel Amor, capaz de levar Medeia a matar os próprios filhos<sup>68</sup>, compõe profeticamente um quadro alegórico da subversão das forças da Natureza e da realidade, num anseio de representação utópica: o lobo, fugindo das ovelhas<sup>69</sup>; os carvalhos, produzindo maçãs douradas<sup>70</sup>; o narciso, florescendo sobre o álamo<sup>71</sup>; a casca do tamarindo, escorrendo sobre o

<sup>52</sup> “semper pastorum ille audit amores” (ib. 23).

<sup>53</sup> “Maenalus argutumque nemus pinosque loquentis / semper habet” (ib. 22-23).

<sup>54</sup> “Tugentur iam grypes equis” (ib. 27).

<sup>55</sup> “aeuoque sequenti / cum canibus timidi uenient ad pocula dammae” (ib. 27-28).

<sup>56</sup> “nouas incide faces” (ib. 29).

<sup>57</sup> “sparge, marite, nuces” (ib. 30).

<sup>58</sup> “tibi deserit Hesperus Oetam” (ib.). (O monte Eta situa-se entre a Tessália e a Macedónia).

<sup>59</sup> “O digno coniuncto uiro” (ib. 32).

<sup>60</sup> “dum despicias omnis” (id).

<sup>61</sup> A flauta, o rebanho, a barba: “dumque tibi est odio mea fistula dumque capellae / hirsutumque supercilium promissaque barba” (id. 33-34).

<sup>62</sup> “nec curare deum credis mortalia quemquam!” (id. 35).

<sup>63</sup> “alter ab undécimo tum me iam acceperat annus” (id. 39).

<sup>64</sup> “ut uidi, ut perii, ut me malus abstulit error!” (id. 41).

<sup>65</sup> “Saepibus in nostris paruam te roscida mala / (dum ego uester eram) uidi cum matre legentem” (id. 37-38).

<sup>66</sup> “Nunc scio quid sit Amor” (id. 43).

<sup>67</sup> “duris in cautibus illum / aut Tmaros aut Rhodope aut extremi Garamantes / nec generis nostri puerum nec nec sanguinis edunt » (id. 44-45).

<sup>68</sup> “Saevos Amor docuit natorum sanguine matrem / commaculare manus; crudelis tu quoque mater: / crudelis mater magis, na puer improbus ille? / Improbus ille puer; crudelis tu quoque, mater” (id., 46-50).

<sup>69</sup> “Nunc et ouis ultro fugiat lupus” (id. 52).

<sup>70</sup> “aurae durae / mala ferant quercus” (id. 52-53).

<sup>71</sup> “narcisso floreat alnus” (id. 53).

âmbar untuoso<sup>72</sup>; o mocho, rivalizando com o cisne<sup>73</sup>; Títiro competindo com Orfeu, nos bosques<sup>74</sup>; Aríon, salvando os golfinhos<sup>75</sup>.

E, paradoxalmente, o amante decide suicidar-se do alto de uma falésia<sup>76</sup>, despedindo-se das florestas<sup>77</sup> e oferecendo a vida como o seu último dom<sup>78</sup>.

O canto termina com a transformação do *incipit* do refrão em *excipit*<sup>79</sup>.

## 5. O espaço lírico

A transformação do espaço epitalâmico em espaço de infelicidade indicia o sentimento que predomina nas *Bucólicas* virgilianas: o da melancolia.

O monólogo de Córídon em face da paisagem siciliana<sup>80</sup>, na *II Écloga*, expressa bem o contraste entre a sua paixão ardente pelo jovem Aléxis<sup>81</sup> e a frescura reconfortante da Natureza: a busca do bosque umbroso e denso, a solidão dos montes, em paralelismo com o gado e os lagartos pardos, escondidos nos espinheiros<sup>82</sup>.

Mas, enquanto os camponeses se refrescam, cansados, calcando as plantas odoríferas do caminho<sup>83</sup>, Córídon, ao pisar os vestígios dos passos do amigo, mais não faz do que juntar ao canto das roucas cigarras o ressoar dos arbustos<sup>84</sup>.

O tópico da morte de amores, recorrente na lírica trovadoresca, surge, então, esboçado a propósito da incorrespondência do cruel amado<sup>85</sup>.

Num cenário de habitação rural e ocupação pastoril e venatória, o ideal estoíco-epicurista da *paupertas* é evocado<sup>86</sup> ao som da música de Pã nas florestas<sup>87</sup>. Invocando a vinda do amado<sup>88</sup>, o pastor apresenta-lhe os dons das Ninfas, como signos do *locus amoenus*: os lírios, as violetas, as papoilas, os narcisos e outras plantas odoríferas, num quadro idílico, pintado pela

---

<sup>72</sup> “pinguia corticibus sudent Electra myricae” (id. 54).

<sup>73</sup> “certent et cycnis ululae” (id. 55).

<sup>74</sup> “Orphis in siluis” (id. 56).

<sup>75</sup> “inter Delphinas Arion” (id.).

<sup>76</sup> “Omnia uel medium fiat mare [ ]/praeceps aerii specula de montis in undas”(id. 58-59).

<sup>77</sup> « Vivite, siluae » (id. 59).

<sup>78</sup> “deferar; extremum hoc munus morientis habeto” (id. 60).

<sup>79</sup> “Desine Maenalios, iam desine, tibia, uersus” (id. 61).

<sup>80</sup> “Mille meae Siculis errant in montibus agnae” (*Ecl.2*. 21).

<sup>81</sup> “Formosum pastor Corydon ardebat Alexim, / delicias domini: nec quid speraret habebat” (ib., 1-2).

<sup>82</sup> “Tantum inter densas, umbrosa cacumina, fagos / adsidue ueniebat; ibi haec incondita solus / montibus et siluis studio iactabat inani” (ib., 3-5).

<sup>83</sup> “et rapido fessis messoribus aestu/alia serpullumque herbas contundit olentis” (ib.,10-11).

<sup>84</sup> “At mecum raucis, tua dum uestigia lustru, / sole sub ardenti resonant arbusta cicadis” (ib., 12-13).

<sup>85</sup> “O crudelis Alexi, nihil mea carmina curas? / nil nostri miserere? mori me denique coges” (ib., 6-7).

<sup>86</sup> “O tantum libeat mecum tibi sordida rura / atque humilis habitare casas, et figere ceruos / haedorumque gregem uiridi compellere hibisco!” (ib., 28-30).

<sup>87</sup> “Mecum una in siluis imitabere Pana canendo” (ib., 31).

<sup>88</sup> “Huc ades, o formose puer” (ib., 45).

Náiade<sup>89</sup>. As maçãs, as castanhas e as nozes, amadas por Amarílis<sup>90</sup>, as ameixas colhidas em honra de Aléxis<sup>91</sup> formam uma sugestão sinestésica indiciadora da sedução<sup>92</sup>. Preferindo os bosques às cidades<sup>93</sup>, Córídon evoca a presença dos deuses e de Páris nesse espaço sagrado<sup>94</sup>. O assédio sexual, patente nos reinos animal e vegetal, fruto da instintiva busca do prazer<sup>95</sup>, anima o amante a atrair a atenção do amado<sup>96</sup>.

O pôr-do-sol põe fim ao dia, permitindo o regresso do gado, mas a paixão permanece<sup>97</sup>. Surge, então, a pergunta<sup>98</sup>: quem põe termo ao amor?

Reconhecendo a demência da sua paixão incorrespondida<sup>99</sup>, Córídon encontra no trabalho o grande remédio para a doença amorosa<sup>100</sup>, animando-se com a alternativa de um novo amor<sup>101</sup>.

## 6. Espaço elegíaco

A poetização do espaço assume particular relevância na *V Écloga*, quando, no canto amebeu, o *locus amoenus* cede a primazia ao *locus umbrosus*. As aveleiras e ulmeiros<sup>102</sup>, Mopso, ao contrário de Menalcas, prefere as sombras flutuantes dos zéfiros ou uma gruta<sup>103</sup>.

Retomando os versos que havia composto, Mopso, já no interior da gruta, apresenta as aveleiras e os cursos de água na sua função prosopopáica de testemunhas das lágrimas das Ninfas pela morte de Dáfnis<sup>104</sup>. Em sinal de luto, os pastores não levaram os gados a beber nos ribeiros<sup>105</sup>, enquanto

<sup>89</sup> “tibi lilia plenis / ecce ferunt Nymphae calathis; tibi candida Nais, / pallentis uiolas et summa papauera carpens, / narcissum et florem iungit bene olentis anethi; / tum, casia atque aliis intexens suauibus herbis, / mollia luteola pingit uaccina calta” (ib., 45-50).

<sup>90</sup> “Ipse ego cana legam tenera lanugine mala, / castaneasque nuces, mea quas Amaryllis amabat” (ib., 51-52).

<sup>91</sup> “addam cerea pruna; honos erit huic quoque pomo” (ib., 53).

<sup>92</sup> “et uos, o lauri, carpam, et te, proxima myrte, / sic positae quoniam suavis miscetis odores” (ib., 54-55).

<sup>93</sup> “Rusticus es, Corydon: [...] / nobis placeant ante omnia siluae” (ib., 54. 62).

<sup>94</sup> “Quem fugis, a! demens? Habitarunt di quoque siluas, / Dardaniusque Paris” (ib., 60-61).

<sup>95</sup> “Torua laena lupum sequitur, lúpus ipse capellam; / florentem cytisum sequitur lasciuia capella” (ib., 63-64).

<sup>96</sup> “te Corydon, o Alexi: trahit sua quemque uoluptas” (ib., 65).

<sup>97</sup> “Aspice, aratra iugo referunt suspensa iuueni, / et sol crescentis decedens duplicat umbras; / me tamen urit amor” (ib., 66-68).

<sup>98</sup> “quis enim modus adsit amori” (ib., 68).

<sup>99</sup> “A! Corydon, Corydon, quae te dementia cepit?” (ib., 69).

<sup>100</sup> “Semiputata tibi frondosa uitis in ulmo est. / Quin tu aliquid saltem potius, quorum indiget usus, / uiminibus mollique paras detexere iunco ?» (ib., 70-72).

<sup>101</sup> “Inuenies alium, si te hic fastidit, Alexim” (ib., 73).

<sup>102</sup> “hic corylis mixtas inter consedimus ulmos?” (Ecl. 5. 3).

<sup>103</sup> “siue sub incertas Zephyris motantibus umbras, / siue antro potius succedimus. Aspice ut antrum / siluestris raris sparsit labrusca racemis” (ib., 5-7).

<sup>104</sup> “Exstinctum Nymphae crudeli funere Daphnim / flebant (uos coryli testes et flumina Nymphis)” (ib. 20-21).

<sup>105</sup> “Non ulli pastos illis egere diebus / frígida, Daphni, boues ad flumina: nulla neque am-

hiperbolicamente geram os leões cartagineses<sup>106</sup> e os montes e as florestas falaram<sup>107</sup>. Palas, deusa dos pastores e dos rebanhos, e Apolo afastaram-se dos campos<sup>108</sup>; tornando estéril a terra<sup>109</sup>; nasceram os cardos e os espinhos<sup>110</sup>, em vez das violetas e do narciso<sup>111</sup>. Introdutor na Sicília das danças báquicas<sup>112</sup>, Dáfnis é declarado glória dos seus amigos e familiares, como a vinha das árvores, a uva da videira, o touro do gado, as colheitas das terras fecundas<sup>113</sup>. Neste ambiente funéreo, os pastores são incitados a juncarem a terra de folhas<sup>114</sup>, a escurecerem as fontes<sup>115</sup> e a erguerem um túmulo para Dáfnis<sup>116</sup> com um epítáfio encomiástico<sup>117</sup>.

Menalcas, que já havia cedido entrar na gruta, como o flexível salgueiro diante da pálida oliveira e a humilde valeriana à purpúrea roseira<sup>118</sup>, elogia os versos do companheiro<sup>119</sup>, elevando Dáfnis à altura dos astros<sup>120</sup> e declarando a sua divindade<sup>121</sup>, propondo a edificação de quatro altares: dois para Febo; dois para Dáfnis<sup>122</sup>. Como sinal e penhor da duração do seu culto, apresenta a liberdade do javali pelos montes<sup>123</sup>, ou dos peixes nos rios<sup>124</sup>; o alimento das abelhas com o tomilho<sup>125</sup> ou das cigarras com

---

nem” (ib. 24-25).

<sup>106</sup> “Daphni, tuom Poenos etiam ingemuisse leones” (ib. 27).

<sup>107</sup> “interitum montesque feri siluaeque loquontur” (ib. 28).

<sup>108</sup> “Postquam te fata tulerunt, / ipsa Pales agros atque ipse reliquit Apollo” (ib. 34-35).

<sup>109</sup> “Grandia saepe quibus mandauimus hordea sulcis, / infelix lolium et steriles nascuntur aenae” (ib. 36-37).

<sup>110</sup> “carduos et spinis surgit paliurus acutis” (ib. 39).

<sup>111</sup> “pro molli uiola, pro purpureo narcisso” (ib. 38).

<sup>112</sup> “Daphnis thiasos inducere Bacchi” (ib. 30).

<sup>113</sup> “Vitis ut arboribus decori est, ut uitibus uuae, / ut gregibus tauri, segetes ut pinguibus aruis, / tu decus omne tuis.” (ib. 32-34).

<sup>114</sup> “Spargite humum foliis” (ib. 40).

<sup>115</sup> “inducite fontibus umbras” (ib.).

<sup>116</sup> “et tumulum facite” (ib. 41).

<sup>117</sup> “et tumulo superaddite carmen: / DAPHNIS EGO IN SILUIS HINC VSQUE AD SIDERA NOTVS / FORMOSI PECORIS CVSTOS FORMOSIOR IPSE” (ib. 41-43).

<sup>118</sup> “Lenta salix quantum pallenti cedit oliuae, / puniceis humilis quantum saliuunca rosetis, / iudicio nostro tantum tibi cedit Amyntas. / Sed tu desine plura, puer; successimus antro” (ib. 16-19).

<sup>119</sup> Compara o seu canto ao sono reparador dos que, cansados, se estendem na relva e à água deliciosa de um ribeiro saltitante que sacia a sede na calma estival: “Tale tuom carmen nobis, diuine poeta, / quale sopor fessis in gramine, quale per aestum / dulcis aquae saliente sitim restingere riuo” (ib. 45-47).

<sup>120</sup> “Daphnimque tuom tollemus ad astra; / Daphnimque ad astra feremus; amaui nos quoque Daphnis” (ib. 51-52).

<sup>121</sup> “Deus, deus ille, Menalca!” (ib. 64).

<sup>122</sup> “En quattuor aras: / ecce duas tibi, Daphni, duas altaria Phoebo” (ib. 65-66).

<sup>123</sup> “Dum iuga montis aper, [...] amabit” (ib. 75).

<sup>124</sup> “fluuios dum piscis amabit” (ib.).

<sup>125</sup> “dumque thymo pascentur apes” (ib. 77).

o orvalho<sup>126</sup>, evocando o promontório de Arúσιο, na ilha de Quios<sup>127</sup>, o espectáculo do Olimpo<sup>128</sup> e a atmosfera campestre habitada por Pã e pelas jovens Dríades<sup>129</sup>.

Depois de elevar tal canto poético acima do efeito refrescante do Austro<sup>130</sup>, do fluxo das ondas na praia<sup>131</sup> e das torrentes dos rios nos vales fragosos<sup>132</sup>, Mopso recebe a oferta da flauta do companheiro<sup>133</sup>, enquanto lhe corresponde com a prenda do seu cobiçado cajado<sup>134</sup>.

Por seu turno, o espaço elegíaco é representado na *X Écloga* pelas sombras do amor infeliz de Galo.

Em sinal de solidariedade, choram os loureiros e os tamarindos<sup>135</sup>, os pinheiros<sup>136</sup> e os rochedos dos montes Ménalo e Liceu<sup>137</sup>. Apolo põe em questão esta insana paixão<sup>138</sup>; Pã desmonta a crueldade do Amor que não se satisfaz com lágrimas, tal como os prados não se satisfazem com a irrigação nem as abelhas com o codesso, nem as cabras com a pastagem<sup>139</sup>. Os pastores da Arcádia, apesar disso, cantarão os sofrimentos de Galo<sup>140</sup>: a cor negra das violetas e dos mirtilos marca a infelicidade deste amor<sup>141</sup>; as fontes frescas, os doces prados e o bosque são convocados como testemunhas<sup>142</sup>. Licoris, longe da pátria, olhará, cruel e solitária, as neves dos Alpes e os frios do Reno<sup>143</sup>, embora o poeta apaixonado deseje que ela não seja por eles prejudicada<sup>144</sup>.

<sup>126</sup> “dum rore cicadae” (ib.).

<sup>127</sup> “uina nouom fundam calathis Ariusia néctar” (ib. 71).

<sup>128</sup> “Candidus insuetum miratur limen Olympi / sub pedisque uidet nubes et sidera Daphnis” (ib. 56-57).

<sup>129</sup> “Ergo alacris siluas et cetera rura uoluptas / Panaque pastoresque tenet Dryadasque puellas” (ib. 58-59).

<sup>130</sup> “Nam neque me tantum uenientis sibilus Austri / [...] iuuant” (ib. 82-83).

<sup>131</sup> “nec percussa iuuant fluctu tam litora” (ib. 83).

<sup>132</sup> “nec quae / saxosas inter decurrunt flumina uallis” (ib. 83-84).

<sup>133</sup> “Hac te nos fragili donabimus ante cicuta” (ib. 85).

<sup>134</sup> “At tu sume pedum, quod, me cum saepe rogaret, / non tullit Antigene (et erat tum dignus amari), / formosum paribus nodis atque aere, Menalca” (ib. 88-90).

<sup>135</sup> “Illum etiam lauri, etiam fleuere myricae” (Ecl. 10. 13)

<sup>136</sup> “pinifer illum etiam sola” (ib. 14).

<sup>137</sup> “sub rupe iacentem / Maenalus et gelidi fleuerunt saxa Lycae” (ib. 14-15).

<sup>138</sup> “Venit Apollo: / ‘Galle, quid insanis?’ inquit” (ib. 21-22).

<sup>139</sup> “Pan deus Arcadiae uenit [...] / ‘Ecquis erit modus?’ inquit ‘Amor non talia curat, / nec lacrimis crudelis Amor nec gramina riuus / nec cytiso saturantur apes nec fronde capellae’” (ib. 26-30).

<sup>140</sup> “Tristis at ille: ‘Tamen cantabitis, Arcades, inquit. / montibus ac uestris, soli cantare periti / Arcades » (ib. 31-33).

<sup>141</sup> “quid tum, si fuscus Amyntas? / et nigrae uiolae sunt et uaccinia nigra” (ib. 38-39).

<sup>142</sup> “Hic gelidi fontes, hic mollia prata, Lycori; hic nemus” (ib. 42-43).

<sup>143</sup> “Tu procul a patria (nec sit muhi credere tantum) / Alpinas, a, dura, niues et frigore Rheni / me sine sola uides (ib. 46-47).

<sup>144</sup> « A, te ne frigora laedant 1/a, tibi ne teneras glacies secet aspera plantas! » (ib.48-49).

Diz preferir sofrer os males de Amor e gravá-los na casca tenra das árvores<sup>145</sup>, esperando que ele cresça com elas<sup>146</sup>.

O poeta propõe-se percorrer o monte Ménalo, habitado pelas Ninfas<sup>147</sup>, ou caçar javalis<sup>148</sup>. Nem o frio do monte Parténio, situado na Arcádia, o impedirá de fazê-lo<sup>149</sup>. Para tanto, invade rochas e florestas retumbantes<sup>150</sup>, já que sente prazer em arremessar dardos<sup>151</sup>. Mas tal distração não passa de mera ilusão, como se pudesse remediar os males da paixão<sup>152</sup>, como se Eros se compadecesse das misérias humanas<sup>153</sup>. E já que é assim, então o poeta confessa que a poesia já não lhe dá prazer<sup>154</sup>. Por isso, manda afastar os bosques<sup>155</sup> e, se tiver de beber da água fria do rio Hebro<sup>156</sup>, se tiver de enfrentar as neves inverniais da Trácia<sup>157</sup> e, se a casca de um alto ulmeiro estiver a morrer de segura<sup>158</sup>, então a alternativa será levar as ovelhas etíopes para o trópico de Câncer<sup>159</sup>, isto é, enfrentar todos os obstáculos da Natureza hostil<sup>160</sup>, já que o Amor tudo vence e nos curvamos perante ele: “*Omnia uincit Amor et nos cedamus Amori*”<sup>161</sup>.

Em epílogo, o poeta invoca as Piérides, contentando-se por haver feito tais versos, tecendo um cestinho com a malva franzina<sup>162</sup>, pedindo-lhes que glorifiquem Galo<sup>163</sup>, a quem ele ama na proporção do crescimento do verdejante

<sup>145</sup> “*Certum est in siluis inter speleae ferarum / malle pati tenerisque meos incidere Amores / arboribus*” (ib. 52-54).

<sup>146</sup> “*crescent illae, crescetis, Amores*” (ib. 54).

<sup>147</sup> “*Interea mixtis lustrabo Maenela Nymphis*” (ib. 55).

<sup>148</sup> “*aut acris uenabor apros*” (ib. 56).

<sup>149</sup> “*non me ulla uetabunt / frigora Parthenios canibus circundare saltus*” (ib. 56-57).

<sup>150</sup> “*Iam mihi per rupes uideor lucosque sonantis / ire*” (ib. 58-59).

<sup>151</sup> “*libet Partho torquere Cydonia cornu / spicula*” (ib. 59-60).

<sup>152</sup> “*tamquam haec sit nostri medicina furoris, / aut deus ille malis hominum mitescere discat*” (ib. 60-61).

<sup>153</sup> “*Non illum nostri possunt mutare labores*” (ib. 64).

<sup>154</sup> “*Iam neque Hamadryades rursus nec carmina nobis / ipsa placent*” (ib. 62-63),

<sup>155</sup> “*ipsae rursus concedite, siluae*” (ib. 63).

<sup>156</sup> “*nec si frigoribus mediis Hebrumque bibamus*” (ib. 65).

<sup>157</sup> “*Sithoniasque niues hiemis subeamus aquosae*” (ib. 66).

<sup>158</sup> “*nec si, cum moriens alta liber aret in ulmo*” (ib. 67).

<sup>159</sup> “*Aethiopum uersemus ouis sub sidere Cancri*” (68).

<sup>160</sup> Os frios, as neves ou o calor da seca.

<sup>161</sup> Ib. 69.

<sup>162</sup> “*Haec sat erit, diuae, uestrum cecinisse poetam, / dum sedet et gracili fiscellam textit hibisco, / Pierides*” (ib. 70-72).

<sup>163</sup> “*uos haec facietis maxima Gallo*” (ib. 72).

álamo<sup>164</sup>. E reenvia para casa as cabrinhas, já saciadas, já que Vêesper chegou<sup>165</sup> e a sombra faz mal aos cantores<sup>166</sup>, ao junípero<sup>167</sup> e às colheitas<sup>168</sup>.

## 7. O espaço satírico

Na *I Écloga*, é flagrante o contraste, no canto amebou, entre a posição assumida por Melibeu e Títiro em relação à dicotomia campo/cidade.

O primeiro apresenta o campo como um espaço de perturbação<sup>169</sup>, sem esperança, num cenário de densas aveleiras, rebanhos e pedra nua<sup>170</sup>, lembrando-se da predição dos seus males, a partir de um carvalho ferido por um raio<sup>171</sup>. Em contraste com esse espaço disfórico, o segundo identifica Roma como algo de diferente, grandioso<sup>172</sup>, excedendo as outras cidades como o cipreste entre os arbustos<sup>173</sup>, como se fosse possível comparar cachorros com cães<sup>174</sup>, cabritos com cabras<sup>175</sup>, ou as pequenas coisas com as grandes<sup>176</sup>. E justifica a grandeza desse espaço a partir da *libertas* que chegou, ainda que tarde<sup>177</sup>, bem como o amor<sup>178</sup> e o dinheiro<sup>179</sup>.

No entanto, a Natureza é poeticamente associada à felicidade humana, através de sinais, como os ribeiros e as fontes sagradas<sup>180</sup>, o mel das abelhas do monte Hibla<sup>181</sup>, o canto do pombo bravo na rocha altaneira<sup>182</sup> ou o arrulhar

<sup>164</sup> “Gallo, cuius amor tantum mihi in horas, / quantum uere nouo uiridis se subicit alnus” (ib. 73-74).

<sup>165</sup> “Ite, domum saturae, uenit Hesperus, ite, capellae” (ib., 77).

<sup>166</sup> “solet esse grauis cantantibus umbra” (ib. 75).

<sup>167</sup> “iuniperi grauis umbra” (ib. 76).

<sup>168</sup> “nocent et frugibus umbrae” (ib. 76).

<sup>169</sup> “undique totis / usque adeo turbatur agris” (Ecl. 1, 11-12).

<sup>170</sup> “hic inter densas corylos modo namque gemellos, / spem gregis, a! sílice in nuda conixa reliquit” (ib. 14-15).

<sup>171</sup> “saepe malum hoc nobis, si mens non laeua fuisset, / de caelo tactas memini praedicere quercus” (ib. 16-17).

<sup>172</sup> “Urbem, quem dicunt Romam, Meliboeae, putauit / stultus ego huic nostrae similem, quo saepe solemus / pastores ouium teneros depellere fetus” (ib. 19-21).

<sup>173</sup> “uerum haec tantum alias inter caput extulit urbes, / quantum lenta solent inter uiburna cupressi” (ib. 24-25).

<sup>174</sup> “sic canibus catulos similis” (ib. 22).

<sup>175</sup> “sic matribus haedos / noram” (ib. 22-23).

<sup>176</sup> “sic paruís componere magnam solebam” (ib. 23).

<sup>177</sup> “Libertas, quae sera tamen respexit inertem, / candidios postquam tondenti barba cadebat, / respexit tamen et longo post tempore uenit” (ib. 27-29).

<sup>178</sup> “postquam nos Amaryllis habet, Galatea reliquit. / namque, fatebor enim, dum me Galatea tenebat, / nec spes libertatis erat” (ib. 30-32).

<sup>179</sup> “nec cura peculi” (ib. 32).

<sup>180</sup> “Fortunata senex, hic inter flumina nota / et fontis sacros frigus captabis opacum” (ib. 51-52).

<sup>181</sup> “hinc tibi, quae semper, uicino ab limite saepes / Hyblaeis apibus florem depasta salicti / saepe laeui somnum suadebit inire sussurro” (ib. 53-55).

<sup>182</sup> “hinc alta sub rupe canet frondator ad auras / nec tamen interea raucae, tua cura, palumbes” (ib. 56-57).

da rola sobre o ulmeiro<sup>183</sup>, mas também através dos *impossibilia*, ou sinais de utopia: veados pastando no éter<sup>184</sup>, peixes boiando na areia<sup>185</sup>, o Parto bebendo no exílio o rio Árar<sup>186</sup>, ou o Tigre na Alemanha<sup>187</sup>, uma eventual viagem a sítios tão díspares, como África<sup>188</sup>, Cítia<sup>189</sup>, Creta<sup>190</sup>, Grã-Bretanha<sup>191</sup>, ou, mesmo, todo o mundo<sup>192</sup>.

Neste contexto utópico, o regresso à pátria e à sua humilde cabana, após tão longo périplo, surge como algo desejado e natural<sup>193</sup>, embora se denuncie a expropriação das terras concedidas aos veteranos de guerra<sup>194</sup> e a guerra civil<sup>195</sup>. O abandono da agricultura e da pastorícia<sup>196</sup>, associado ao termo do canto<sup>197</sup>, expressará simbolicamente a disforia do espaço satirizado.

A *IX Écloga* clarifica a denúncia da espoliação de terras<sup>198</sup>, já esboçada na *I Écloga*, e da desvalorização das letras, em comparação com as armas<sup>199</sup>: a águia, ave de rapina que simboliza a guerra, vale mais do que as pacíficas pombas do Epiro<sup>200</sup>. As marcas da passagem do tempo<sup>201</sup>, da perda da memória<sup>202</sup> e

<sup>183</sup> “nec gemere aera cessabit turtur ab ulmo” (ib. 58).

<sup>184</sup> “Ante leues ergo pascentur in aethere cerui” (ib. 59).

<sup>185</sup> “et freta destituent nudos in litore piscis” (ib. 60).

<sup>186</sup> Saône, na França.

<sup>187</sup> “ante pererratis amborum finibus exsul / aut Ararim Parthus bibet aut Germania Tigrim” (ib. 62-63).

<sup>188</sup> “At nos hinc alii sitientis Afros” (ib. 64).

<sup>189</sup> “pars Scythiam” (ib. 65).

<sup>190</sup> “et rapidum Cretae ueniamus Oaxen” (ib. 65).

<sup>191</sup> “et [...] diuisos [...] Britannos” (ib. 66).

<sup>192</sup> “penitus toto [, ,] orbe” (ib.).

<sup>193</sup> “en umquam patrios longo post tempore finis, / pauperis et tuguri congestum caespite culmen / post aliquot, mea regna uidens, mirabor aristas?” (ib. 67-69).

<sup>194</sup> “impious haec tam culta noualia miles habebit, / barbarus has segetes” (ib. 70-71).

<sup>195</sup> “en quo discordia ciuis / produxit miseris: his nos consequimur agros” (ib. 71-72).

<sup>196</sup> “ite meae, quondam felix pecus, ite capellae. / Non ego uos posthac uiridi proiectus in antro / dumosa pendere procul de rupe uidebo; [...] non me pascente, capellae, / florentem cytisum et salices carpētis amaras” (ib. 74-76).

<sup>197</sup> “carmina nulla canam” (ib. 77).

<sup>198</sup> A caminho de Mântua, Méris queixa-se a Lícidas de seu patrão ter sido espoliado da sua pequena propriedade (“agelli”): “O Lycida, uiui peruenimus, aduena nostri / (quod nunquam uriti sumus) ut possessor agelli / diceret: “Haec mea sunt; ueteres migrate coloni” (*Ecl.* 1. 2-4). Este, confirmando já saber a notícia, descreve o sítio que tinha recebido, graças aos seus versos, mas, entretanto, espoliado: “Certe equidem audieram, qua se subducere colles / incipiunt molli- que iugum demittere cliu, / usque ad aquam, et ueteres, iam fracta cacumina, fagos, / omnia carminibus uestrum seruasse Menalcan” (ib. 7-10). Os espoliadores são, mesmo, malditos: “quod nec uertat bene!” (ib. 6).

<sup>199</sup> Trata-se da recompensa, no ano 40 a.C., dada aos veteranos de guerra.

<sup>200</sup> “sed carmina tantum / nostra ualent, Lycida, tela inter Martia, quantum / Chaonias dicunt aquila ueniente columbas” (ib. 11-13).

<sup>201</sup> “Omnia fert aetas” (ib. 51).

<sup>202</sup> “animum quoque; saepe ego longos / cantando puerum memini me condere soles: / nunc oblita mihi tot carmina” (ib. 51-53).

da voz<sup>203</sup> indiciam, um presente desolador, através dos símbolos da visão dos lobos<sup>204</sup>, da falta de água<sup>205</sup> e da cessação da brisa sussurrante<sup>206</sup>.

## 8. Conclusão

Esta visita às *Bucólicas*, de Virgílio, permitiu-nos apreciar uma representação plural e polissémica do espaço geográfico: de Mântua à Sicília, do Mediterrâneo ao centro e norte da Europa, deste Continente à África e à Ásia. Mas, mais do que um espaço topográfico e circunstancial, a poetização inspira no leitor a visualização de um espaço alegórico, igualmente plural, capaz de explorar a mais variada gama de géneros literários e sentimentos humanos.

Espaço mítico, ou da convivência com a divindade, espaço utópico e messiânico, espaço harmonioso e epitalâmico, espaço lírico e amoroso, mas também espaço elegíaco e lacrimoso, espaço satírico e infeliz, a pintura desse espaço plural representa a simbologia da vida humana, no eixo pendular entre a euforia e a disforia.

---

<sup>203</sup> “uox quoque Moerim / iam fugit ipsa” (ib. 53-54).

<sup>204</sup> “lupi Moerim uidere priores” (ib. 54).

<sup>205</sup> “Et nunc omne tibi stratum silet aequor” (ib. 57).

<sup>206</sup> “et omnes, / aspice, uentosi ceciderunt murmuris aquae” (ib 57-58).